REMIDIAÇÃO E MULTIMODALIDADE: O CASO DO LIVRO DIGITAL "OUR CHOICE"

Elis Nazar Nunes SIQUEIRA
Orientação: Profa. Dra. Denise B. Braga

Resumo: A emergência das novas tecnologias de informação e comunicação tem desenvolvido uma reorganização no sistema de mídias, cujas relações não necessariamente são de competição ou substituição, pois, constantemente, essas mídias coexistem, de modo a se manter e se complementar. Assim, essa coexistência dentro do sistema se estabelece por processos de remidiação, os quais, em sua maioria, incluem a multimodalidade como prática . O caso do livro digital "Our Choice" torna-se, então, uma interessante possibilidade de observação e estudo, uma vez que foi remidiado a partir do documentário "An Inconvenient Truth", de modo a se sustentar a partir de recursos multimodais.
Palavras-chave: Letramento Digital; Sistema de mídias; Remidiação; Multimodalidade; Our Choice.

"A memória dos lances antigos
é essencial a toda partida de *xadrez."*
(DE CERTEAU, 1994)

1. INTRODUÇÃO

A invenção da prensa de Gutenberg, na Europa, por volta de 1450, foi responsável pela modificação na produção gráfica. Livros que, antes, eram produzidos manualmente, de forma lenta e em baixa escala, passaram a ser impressos em grande quantidade, de forma muito mais rápida. Segundo Briggs e Burke (2004, p. 24), a circulação de livros até o ano de 1500 alcançava cerca de 13 milhões de exemplares. Assim, a prensa se estabelece como parte do "trio prensa-pólvora-bússola", um dos representantes da Era Moderna (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 26), pois, embora invenções semelhantes já existissem e funcionassem no Oriente, o contexto político e social no qual a invenção de Gutenberg estava inserida foi fundamental para seu êxito, uma vez que a prensa atuou "como um catalisador, mais ajudando as mudanças sociais do que as originando" (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 31).

Como defende Elizabeth Eisenstein, segundo Briggs e Burke (2004, p. 30), a prensa possibilitou que publicações fossem padronizadas e escritos fossem preservados, de forma a disseminar o conhecimento e dar "margem a uma crítica à autoridade, facilitando a divulgação de visões incompatíveis sobre o mesmo assunto" (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 30).

Todavia, tratar a invenção da prensa como uma ruptura com a tradição manuscrita é um equívoco. Primeiramente, porque as práticas escritas à mão não deixaram de existir pós-Gutenberg. Além disso, os procedimentos de leitura como "ler da esquerda para a direita e de cima para baixo no Ocidente; folhear o livro da direita para a esquerda e de maneira sequencial e não salteada" (ROJO, 2004, p. 2) não sofreram mudanças, uma vez que, segundo Chartier (1998, p. 7):

> Um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isso existe desde a época do manuscrito.

Assim, fica claro que a invenção de Gutenberg, não atuou como força motriz para substituir os manuscritos. As práticas impressas e manuscritas passaram a coexistir e, hoje, complementam-se. Do mesmo modo, as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) não anulam o espaço das práticas impressas, o real não é excluído pelas tecnologias; instaura-se, também, uma relação de coexistência e complementação, em que práticas digitais desenvolvem e complementam práticas reais.

2. O SISTEMA DE MÍDIAS

Com a emergência das TICs na contemporaneidade, novas técnicas de produção industrial foram instauradas, assim como novos modos de atuação social e de construção do conhecimento. Para que todas essas práticas ocorram, diferentes meios são utilizados, de modos e em momentos distintos. Como sintetizam Briggs e Burke (2004, p. 15):

> ao se introduzirem novas mídias, as mais antigas não são abandonadas, mas ambas coexistem e interagem. Com o surgimento das publicações, os manuscritos continuaram sendo importantes, como aconteceu com os livros e o rádio na idade da televisão. A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque.

As relações internas a um sistema de mídias podem implicar em casos em que existe competição e consequente substituição, ou em casos em que a coexistência é instituída, propondo relações de reconfiguração, formulação de novos usos, manutenção e complementação.

Como exemplos, podemos citar o VHS e o DVD enquanto relação de competição e substituição, uma vez que, atualmente, o aparelho de DVD se instaurou no cotidiano e a existência do VHS adquiriu um caráter de coleção e conservação, mas não mais de uso efetivo; já enquanto coexistência, podemos considerar o telefone fixo e o celular, que, ao menos por agora, não se anularam; e o impresso e o manuscrito, já aqui citados anteriormente.

Essa "teoria interdisciplinar da mídia" teve início na década de 1950, com a televisão, tecnologia que motivou reflexões de autores como Marshall McLuhan e Jack Goody (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 11-12) e que, ainda hoje, serve como parâmetro para se estabelecer muitas relações e análises a cerca do sistema de mídias:

> As séries atuais de televisão copiam o modelo das novelas radiofônicas, que, por sua vez, se moldam nas histórias em capítulos de revistas do século XIX (alguns romancistas, como Dickens e Dostoiévsky, originalmente publicaram seus trabalhos desta maneira). (...) Os balões com falas [das histórias em quadrinhos] podem ser encontrados em publicações do século XVIII, que, por sua vez, são uma adaptação dos textos em forma de rolo que saiam das bocas da Virgem e outras figuras da arte religiosa medieval. (BRIGGS; BURKE, 2004, p.12).

Assim, as referências dos conteúdos midiáticos acima citados por Briggs e Burke podem ser colocadas em paralelo com a teoria do dialogismo bakhtiniano, pois, de algum modo, sempre consideram o que já foi anteriormente produzido. Segundo Robert Stam (1992, p. 72),

> Em "A Questão dos Gêneros do Discurso", Bakhtin oferece uma formulação clara do dialogismo do enunciado: "Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem auto-suficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal. (...) Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; (…) e de alguma forma os leva em conta.

Nesse mesmo contínuo sobre dialogismo, pode ser encaixada, também, a teoria da *remidiação,* proposta por Jay David Bolter e Richard Grusin (2000), cujo foco é direcionado às relações de diálogo, transformação e coexistência especificamente das mídias e, portanto, torna-se central nesse trabalho.

3. REMIDIAÇÃO

Com o estabelecimento do sistema de mídias (BRIGGS; BURKE, 2004), o funcionamento de uma mídia isolada da outra torna-se impossível. As novas mídias possuem suas formas para reformular as antigas, enquanto as antigas se reformulam para responder às novas (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 15), sempre em uma tentativa de oferecer uma experiência real e autêntica a seus consumidores. Para tal, as mídias criam uma relação paradoxal, polarizada por Bolter e Grusin (2000) pelos conceitos de *hipermidiação* e *imidiação*.

As relações de imidiação são, para os autores, as que buscam apagar o fator midiático da experiência, tornando-a mais natural e real, enquanto as relações hipermidiadas são as que exploram com afinco as potencialidades tecnológicas das mídias. O paradoxo se constitui a partir da fusão inevitável desses dois polos, as mídias oscilam entre eles: ao buscarem a transparência, o apagamento da mídia e da mediação, necessariamente extrapolam o uso dos recursos tecnológicos, tornando a situação hipermidiada. E, ao aprofundarem demasiadamente as possibilidades das mídias, estabelecendo um cenário hipermidiado, estão buscando, sempre, um resultado mais próximo de uma experiência real, ou seja, imidiada.

O paradoxo da remidiação não é, contudo, condição restrita às mídias contemporâneas. “Todas elas buscam colocar o observador no mesmo lugar em que os objetos observados” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 11; tradução minha). Isso inclui, por exemplo, os desenhos em perspectiva, marca da época do Renascimento Europeu, cujos traços eram potencializados de forma a explorar as tecnologias do desenho, mas sempre buscando alcançar aspectos mais naturais e reais. Atualmente, como exemplo, pode-se observar as interfaces dos computadores, as quais se configuram baseadas na “metáfora do escritório” (SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010, p. 433; BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 23). , “supostamente para assimilar o computador com o ambiente de trabalho físico e os materiais (pastas de arquivos, folhas de papel, caixa de entrada, cesta de lixo, etc)” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 23; tradução minha), “usadas para esconder o sistema real e criar a ilusão de um ambiente familiar para o usuário trabalhar nele” (EVERS, 1998, p. 2 *apud* SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010, p. 433). Outro exemplo é o cinema em terceira dimensão que, buscando proporcionar ao espectador uma experiência que mais se aproxima da realidade, reforça as potencialidades da imagem e do som e, ainda, inclui recursos novos, como os óculos, necessários à experiência.

Segundo Bolter e Grusin (2000, p. 55):

> Todas as mídias que existem funcionam como remidiadoras e essa remidiação nos fornece meios de interpretar o funcionamento das mídias anteriores. Nossa cultura conceitua cada mídia ou conjunto de mídias a partir do modo como respondem, reorganizam, competem e reconfiguram outras mídias. A princípio, podemos pensar em algo como uma progresão histórica, novas mídias remidiando as antigas e, particularmente, mídias digitais remidiando suas predecessoras. Mas se trata de uma genealogia de afiliações, não de uma história linear e, nessa genealogia, mídias antigas também remidiam as novas. A televisão pode e reconfigura a si mesma para se assemelhar à Internet (…) Nenhum meio, aparentemente, pode agora funcionar independentemente e estabelecer seu distinto e puro espaço de significação cultural (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 55; tradução minha).

Portanto, compreende-se as relações de remidiação como intrísecas ao sistema de mídias (BRIGGS; BURKE, 2004), uma vez que revelam a coexistência, reconfiguração e interdependência, explicitando a impossibilidade da existência de alguma mídia ser caracterizada como isolada e distanciada das demais.

4. O CASO DO LIVRO DIGITAL “OUR CHOICE”

Como exemplo de remidiação, há o livro digital “Our Choice” (“Nossa Escolha”, tradução oficial), produzido em 2009 pelo ativista e ex-vice-presidente dos Estados Unidos Albert Arnold Gore Jr., conhecido como Al Gore. O livro digital é resultado do documentário “An Inconvenient Truth” (“Uma verdade inconveniente”, tradução oficial), também produzido pelo ativista, em 2006.

Disponível apenas para plataformas Apple com recursos *touch screen,* é organizado em 19 capítulos, formulados a partir dos conteúdos do documentário correlato.

“Our Choice” torna-se interessante objeto de análise de remidiação, uma vez que se apresenta como componente do sistema de mídias e estabelece relações de coexistência e complementação (BRIGGS; BURKE, 2004) com o documentário. Ademais, é essencialmente representado por recursos hipermidiados, que propiciam diversas experiências sensoriais ao leitor, buscando a aproximação com a realidade e a lógica da imidiação.

Tratando-se das relações de complementação midiática, “Our Choice” e “An Inconvenient Truth” apresentam relações bidirecionais entre si. Em certos momentos, o documentário se apresenta de forma mais integral, sendo complementado sucintamente pelo livro digital. Em outros casos, o documentário demonstra o tópico de modo breve ou apenas o menciona, recebendo acréscimos conteudistas mais elaborados e densos por meio do livro.

O tema da trajetória politica de Al Gore e a história de sua infância são explorados no documentário de modo longo e dotado, inclusive, de cenas, imagens e narrações pessoais dramatizadas. No livro digital, entretanto, a parte política é tratada em um dos capítulos finais, com um direcionamento de crítica às ações governamentais, e não como relato da trajetória do ativista; já sua história de infância sequer é mencionada em “Our Choice”. Assim, percebe-se uma relação, aqui, de complementação do documentário ao livro, visto que expõe conteúdos extras que o livro digital não apresenta.

Por outro lado, “Our Choice” se mostra um rico paralelo a “An Inconvenient Truth” no que se trata do tema da produção de energia sustentável. O capítulo quarto do livro digital, denominado “Harvesting the Wind”, trata da questão da energia eólica, complementando uma cena extremamente breve do documentário (cerca de quatro segundos) e apresentando 20 páginas eletrônicas sobre o tema. A comparação da complementação não se restringe somente à quantidade de conteúdo, pois se expande, também, para o âmbito qualitativo. “Harvesting the Wind” possibilita ao leitor uma experiência rica em recursos multimodais. A remidiação da cena imagética do documentário ocorre e se sustenta com fotos, sons, animações, videos, gráficos, experimentos sensoriais e textos.

No documentário, a energia eólica é apresentada apenas como uma das possibilidades para melhorias ambientais, porém, o tema não é explorado, sequer comentado. Já o capítulo “Harvesting the Wind” se inicia com textos explicativos sobre o vento e sobre o progresso dessas usinas. Depois, há um gráfico interativo, que demonstra a capacidade de geração de energia eólica em megawatts de cada país, além de estabelecer comparações dos países relevando a proporção entre energia e população, percentual de consumo e avanço ao longo dos anos. O gráfico é seguido de uma animação explicativa sobre o funcionamento das hélices, um mapa dinâmico dos Estados Unidos que apresenta dados a respeito das energias renováveis em cada um dos estados, uma foto de uma paisagem com a narração de Al Gore, um vídeo com o depoimento do presidente de uma usina de energia eólica, fotos do interior da usina e de sua construção e, principalmente, uma atividade interativa em que o leitor deve assoprar no microfone para, então, fazer a hélice girar e abastecer uma casa com energia. Além disso, o capítulo apresenta um vídeo sobre a obtenção de lucro de uma usina, fotos da inspeção de uma turbina por um técnico e das maiores usinas eólicas dos Estados Unidos, e um texto escrito somado a um vídeo sobre cataventos ecológicos inventados por um jovem de 20 anos.

Analisando, então, o capítulo quatro do livro digital em questão, percebe-se que todo o conteúdo é construído por meio da mesclagem e integração de diferentes linguagens, "de modo a produzir novos tipos de textos e textualidade" (BRAGA, 2007, p. 186). Tais recursos multimodais buscam proporcionar ao leitor uma experiência mais natural, buscam aproximá-lo, de fato, das situações interacionais ali propostas, em vez de simplesmente citá-las em texto, como nos livros impressos, ou apresentá-las em vídeo, como no documentário. Ademais, a interface de "Our Choice", com sua configuração multimodal e hipermidiática, desencadeia modalidades interativas propostas por Silva (2000, p. 79): considerando a modalidade acentrada e a multissensorial como principais, uma vez que o conteúdo do livro possui muitos centros distintos e possíveis, e que as interações exigem "múltiplas habilidades sensórias" (SILVA, 2000, p. 79), atuam também no processo de interpretação do leitor as modalidades de procedimento, que inclui práticas de "navegação, experimentação, simulação, participação" (SILVA, 2000, p. 79) e a intuitiva, que "conta com o inesperado, o acaso, junções não lineares, o ilógico" (SILVA, 2000, p. 79).

Todas essas potencialidades exploradas, buscam, paradoxalmente, a naturalidade, um reconhecimento da interface com tamanha realidade que a faça transparente, conforme a que Lévy (1997, p. 180 *apud* SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010, p. 435) retrata a seguir:

> A interface é um agenciamento indissoluvelmente material, funcional e lógico que funciona como armadilha, dispositivo de captura (…) A armadilha fechou-se, as conexões com meus módulos sensoriais e outros estão estreitas a ponto de fazer-me esquecer o dispositivo material e sentir-me cativado apenas pelas interfaces que estão na interface: frases, história, imagem, música.

Buscando essa naturalidade, busca-se, consequentemente, conforme a teoria de Bolter e Grusin (2000), uma experiência imidiata. Para tanto, é preciso, contudo, potencializar os recursos multimodais, estabelecendo uma lógica hipermidiada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a invenção de Gutenberg não substituiu as práticas manuscritas, as mídias componentes de um sistema não necessariamente se substituem, podendo estabelecer relações de complementação entre si, tal como no caso aqui explorado entre o documentário "An Inconvenient Truth" e o livro digital "Our Choice".

A relação de complementação se realiza juntamente com o processo de remidiação e, então, "Our Choice", por meio de seus recursos e potencialidades, enquadra-se na lógica paradoxal da hipermidiação como caminho para a uma experiência imidiada.

Por fim, as reflexões aqui propostas abrem espaço para estudos futuros, como a observação e análise desses processos de remidiação e multimodalidade aplicados e potencializados como prática de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. (2000) **Remediation**: Undestanding new media. MIT Press, USA.

BRAGA, D. B. (2007) Letramento na internet: o que mudou e como tais mudanças podem afetar a linguagem, o ensino e o acesso social. In: KLEIMAN, A.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Linguística Aplicada:** suas faces e interfaces. Mercado das Letras, Campinas.

BRIGGS, A.; BURKE, P. (2004) **Uma história social da mídia**: De Gutenberg à Internet. Editora Jorge Zahar, RJ.

CERTEAU, M. D. (2004) **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Editora Vozes, Petrópolis.

CHARTIER, R. (1998) **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Editora UNESP, SP.

GORE, A. (2006) **An Inconvenient Truth**. Produced by Lawrence Bender. Paramount Pictures, EUA. 1 DVD.

GORE, A. (2009) **Our Choice**. Produced by Melcher Media Inc., Powerd by Push Pop Press, Published by Rodale Inc., EUA. Livro digital.

ROJO, R. (2004) **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. SEE: CENP, SP.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (2010) Língua, linguagem e mediação tecnológica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 49, n. 2, p. 410-440.

SILVA, M. (2000) **Sala de aula interativa**. Quartet, RJ.

STAM, R. (1992) **Bakhtin**: da teoria literária a cultura de massa. Ática, SP.